

RESENHAS

Epopéia colonial

*Lúcio Menezes Ferreira**

Originalmente publicado nos Estados Unidos em 2003, *No Coração da África: As Aventuras Épicas de Livingstone e Stanley (Into Africa: the Epics Adventures of Stanley and Livingstone)* é livro feito de matéria envolvente. Lemo-lo de um só fôlego, tomados pela técnica narrativa do autor. Dugard deflagra, em todos os capítulos, uma tensão permanente e sempre os termina com uma nota de suspense. O leitor ávido prossegue devorando o livro, ansioso pelo lance seguinte da trama. A fluência de Dugard traz todas as marcas da literatura épica de aventura, gênero cambiante, um misto de biografia romanceada e pesquisa histórica. Dugard é um autor experimentado neste gênero literário. Ele já publicara, em 2001, um livro sobre o Capitão Cook (*The Rise and Fall of Captain Cook*) e, recentemente, lançou um outro sobre Colombo (*Columbus: Being the Epic Tale of the Great Captain's Fourth Expedition, Including Accounts of Swordfight, Mutiny, Shipwreck, Gold, War, Hurricane and Discovery*, 2005).

O foco do livro é a lendária viagem de David Livingstone em busca da nascente do Nilo. Livingstone foi o primeiro explorador britânico a atravessar o continente africano, na segunda metade do século XIX, quando o interior da África era praticamente desconhecido pelos europeus. Fê-lo inicialmente como missionário, depois como naturalista. Segundo suas teorias, partilhadas, não sem discordâncias, por Richard Francis Burton e John Hanning Speke, o local da nascente do Nilo, aquele minúsculo elemento isolado borbulhando da terra, estaria em algum lugar entre as quilométricas dimensões dos rios Congo, Lualaba e os lagos Vitória e Tanganica.

Durante suas viagens, Livingstone desapareceu e ficou meses a fio sem dar notícias. Seus compatriotas especularam se ele estaria ou não vivo. Os membros da *Royal Geographical Society*, instituição à qual Livingstone pertencia, aparelharam uma malograda expedição para procurá-lo. O insucesso da expedição ensejou a atuação de Henry Morton Stanley, correspondente internacional do *Herald* de *New York*. Financiada pelo jornal, Stanley devassou o interior da África, a fim de encontrar o famoso explorador. Sua expedição

coroou-se de êxito. Os jornalistas norte-americanos da época elegeram a descoberta de Livingstone por Stanley como a "reportagem do século". Stanley publicou, inclusive, um livro sobre sua saga: *How I found Livingstone* (1874).

Como se vê, Dugard elegeram um tema propício para a escrita de um *epos*. As reviravoltas e elipses das viagens de Stanley e Livingstone, seus encontros com as caravanas árabes no interior da África, as doenças (malária, doença do sono, etc), a fome e perigos a que ambos se submeteram, os percalços e inseguranças dos caminhos nem sempre trilháveis e quase sempre desconfortáveis, oferecem todos os elementos palatáveis para a literatura épica de aventura. Não por acaso, alguns críticos sugerem que Joseph Conrad, em *The Heart of Darkness*, inspirou-se nas façanhas de Livingstone e Stanley. O personagem Marlow seria Stanley; Kurtz seria Livingstone. Dugard lamenta que a África do século XIX tenha sido imortalizada nas páginas de Conrad, e não pelos diários de viagem de Stanley e Livingstone.

Foi exatamente nestes diários que Dugard embasou sua pesquisa histórica. À sua maneira, contudo, assim como Conrad, Dugard também parteja uma recriação, imaginando, com base nos diários, as angústias, ansiedades, obsessões, inseguranças, alegrias, enfim, as idiossincrasias e sentimentos de Stanley e Livingstone. Trata-se de uma recriação, pois os próprios sentimentos de Dugard orientam-se pela formulação de um quadro psicológico que reúne, de modo teleológico, as ações de seus heróis exploradores. Desde a juventude, tanto Livingstone quanto Stanley, na acepção de Dugard, imbuíram-se dos caracteres e psiquismos peculiares aos indivíduos inclinados à aventura, à epopeia. É como se a África, com seus mistérios e perigos, já estivesse lá, à espera desses modernos Ulisses, pronta para figurar o cenário grandioso e trágico de uma Odisséia Moderna.

Ao leitor, seduzido pelo suspense e tensão da trama, resta perguntar, e em boa medida Dugard responde à questão, sobre a matéria de que é feita essa epopeia. Como em *The Heart of Darkness*,

o livro de Dugard é perpassado pela experiência colonial. Ele aponta, pois, para a possibilidade de uma reflexão sobre alguns temas pós-coloniais. Em primeiro lugar, como bem assevera Dugard, a epopéia de Livingstone e Stanley abriu as cortinas do palco africano para a entrada triunfalista do colonialismo moderno. Após a morte de Livingstone, em 1º de maio de 1873, iniciou-se a Corrida pela África. Na década seguinte, em 1886, o Acordo Anglo-Germânico repartiu porções da África: a Inglaterra assumiu o controle do Quênia, e a Alemanha abocanhou o território que denominou de África Oriental.

O sucesso de Stanley também inaugurou eventos coloniais. Afamado como explorador, ele organizou uma outra expedição, em 1874, para descobrir as nascentes do Nilo. Seguiu as pegadas de seu mestre Livingstone. Marchou para Bagamoyo, pela circunferência do lago Vitória e chegou onde Livingstone não conseguira pisar: o longínquo Congo. A expedição foi financiada pelo *Herald* e pelo *Daily Telegraph*, de Londres; Stanley recebeu, ainda, uma quantia generosa do rei da Bélgica, Leopoldo IV, para colonizar o Congo. Nasceu, assim, o Congo Belga, graças a um processo colonizador tido como o mais cruento e brutal da África.

Neste ponto, Stanley e Livingstone eram inteiramente antitéticos. O jornalista, em sua busca por Livingstone, tratava os negros de sua caravana empunhando um chicote; Livingstone, por sua vez, era antiescravista, um antigo missionário dedicado às missões civilizadoras. Seu lema, para acabar com o tráfico de escravos, era *Christianity, Commerce and Cotton* – mais tarde, *Cotton* foi substituído por *Colonialism*. A antítese do comportamento de ambos, para pensar na lógica de Hegel, condensa uma síntese; ela perfaz duas das manifestações que legitimaram e corporificaram o colonialismo na África: o látigo e a moral; o fogo devastador e a bênção purificadora; a violência crua e a missão civilizadora.

Nas páginas de Dugard, o tráfico de escravos é visto, porém, para além das atitudes díspares de Stanley e Livingstone. Vemo-lo também em perspectivas mais globais: maquinando como força

propulsora da economia europeia, como um dos responsáveis, como diria Max, pela “acumulação primitiva do capital”; vingando na África subequatorial através das guerras e raptos entre grupos étnicos; transpirando no detalhe das composições das caravanas árabes, entre as areias e caminhos quentes da rota transaariana, nos pregões do mercado de Zanzibar e nos portos da costa leste e oeste da África.

Um segundo ponto de discussão pós-colonial, vislumbrada no livro de Dugard, é o processo de mistura entre as culturas, de hibridismo cultural e transculturação. Dugard enfatiza o contexto milenar que cercou as viagens de Livingstone e Stanley. Mostra que, quando Livingstone pisou pela primeira vez na África, acompanhando as missões evangelizadoras, os árabes já estavam por lá havia mil anos. Desde o século VII, os árabes mantinham um relacionamento simbiótico com os africanos, realizando trocas culturais e comerciais: financistas persas instalando-se em Zanzibar para financiar caravanas árabes, que levavam contas e traziam marfins da costa leste da África; o islamismo configurando a plural paisagem religiosa africana; a formação do suaíle, língua franca da África Central e Oriental, mistura do árabe e do banto.

A esse processo milenar de hibridismo cultural, aos contágios culturais, juntar-se-iam os europeus. A própria morte de Livingstone foi uma espécie de prenúncio da mescla de culturas e identidades que o colonialismo viria a proporcionar em escala global. Ao morrer na aldeia de Chitambo, o corpo de Livingstone foi mumificado segundo práticas locais; transportado por seus amigos africanos até Zanzibar, seguiu, posteriormente, para a Inglaterra, onde foi enterrado na Abadia de Westminster. O coração de Livingstone, contudo, retirado durante a mumificação, foi enterrado no solo da aldeia de Chitambo. A morte como metáfora do hibridismo. Um corpo morto atravessado por duas formas de rituais religiosos. Jungido por dois continentes, tornou-se repositório das indissolúveis ligações entre a África e a Europa.

Por fim, um último tema pós-colonial, este pertinente aos *Subaltern Studies*: os fenômenos de resistência. Dugard apresenta

uma série de combates dos africanos contra a escravidão e o domínio árabe. Livingstone testemunhou uma destas revoltas. Desencadeada pelos povos que habitavam o noroeste do lago Tanganica, ela resultou no massacre de Nyangwe. Stanley, por seu turno, ficou-se ao lado dos árabes. Engajou-se numa luta contra Mirambo, rei da aldeia de Urambo, a quem ele qualificou como o “Bonaparte africano”. Mirambo saqueou e incendiou Tabora, um dos grandes enclaves árabes da África, centro exportador de escravos e marfins, repleto de haréns e luxos importados. Mirambo, na verdade, é um dos muitos exemplos das guerras de resistência organizada pelos africanos diante da conquista colonial, algumas delas tendo durado de três a trinta anos. Dugard infiltra sua narrativa por uma minúscula filigrana deste combate secular, pequenos fios que a literatura pós-colonial da África soube tecer em grandes mosaicos, como se vê nas obras de Djibril Tamsir Niame, José Luandino Vieira, Jofre Rocha e Mayombe Pepetela.

O livro de Dugard, portanto, é uma epopéia que, a despeito de centrar-se em heróis da exploração científica, modula para o leitor os cenários da dominação colonial e da resistência africana. É uma epopéia cuja lâmina lingüística afia a língua da reflexão pós-colonial. Até mesmo o final do livro, pontuado com uma nota melancólica, é inspirador. Afinal, Livingstone, embora suas teorias estivessem parcialmente corretas e não obstante sua obsessão e vontade inquebrantável, jamais encontrou a nascente do Nilo. A fotografia por satélite, cem anos após a morte de Livingstone, mostrou que o Nilo nasce no alto das montanhas do Burundi, entre os lagos de Tanganica e Vitória.

A fotografia por satélite e outras tecnologias de rastreamento e vigilância tornaram os exploradores científicos, como Livingstone, obsoletos. A atual ordem de dominação global é agora entretecida por malhas cada vez mais sutis, porém não menos brutais, de colonização cultural e econômica. O livro de Dugard não versa diretamente sobre esta ordem, mas ajuda a senti-la em contrapelo, exercitando imaginação para pensar as novas formas de guerrilha cultural e combate político que o mundo de hoje exige.

Nota

Mestre e Doutorando em História e Cultura pela Unicamp

Referência

Martin Dugard. **No Coração da África**: As Aventuras Épicas de Livingstone e Stanley. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005, 431 pp. ISBN 85-01-06619-2